

A racionalidade política nas práticas constitutivas das ciências da vida

Carla Francielle Kurz*

Resumo:

Em que momento o corpo torna-se uma preocupação política? Qual é o interesse político em normatizar a vida? Com a intenção de dar uma nova direção conceitual a questão das ciências da vida, tenho como objetivo extrair uma discussão que está presente nitidamente no campo discursivo e político atual: a atuação da ciência sobre a vida. Para ponderar sobre essas questões, os conceitos de *Biopolítica* e *Biopoder* do filósofo francês Michel Foucault auxilia na problematização do tema. Para o teórico, a *Biopolítica* define as relações dadas entre a política e a vida, e define o cálculo de atuação que a política faz sobre a vida.

Palavras-Chave: biopolítica, corporeidade, Michel Foucault

Abstract: Political rationale on constitutive practises in life sciences

In what moment did life become a political concern? What's the political interest in regulating life? The meaning of this paper is to promote a discussion and give a new conceptual direction on the matter of in which way can science act on life. Michel Foucault concepts' of *Biopolitics* and *Biopower* help us arguing. To him, *Biopolitics* are the relations between life and politics, and it tries to explain the action field of politics over life.

Key words: biopolitics, life regulation, Michel Foucault

O nosso corpo nos pertence muito menos do que pensamos. Para os parâmetros de controle da *Biopolítica* o corpo faz parte efetivamente de um corpo social e não individual. Esse corpo pertence a um universo em que se torna um objeto de controle social, um elemento capaz de direcionar as decisões políticas específicas para ele.

No ano de 2007 a população que mora nas cidades ultrapassou os 50%, indicando uma atenção por parte das políticas públicas a promoção do bem-estar-social direcionada para as epidemias, a saúde, a violência, a pobreza, o subemprego, o desemprego e todos os outros segmentos de infra-estrutura urbana.

* Mestranda do programa de pós-graduação em História Política pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

O crescimento populacional foi possível principalmente pelo avanço da medicina após o término da Segunda Guerra Mundial, sendo que após a década de 1950 a medicina juntamente com a ciência iniciou um trabalho muito mais engajado com questões da saúde individual e coletiva. Para o médico geneticista francês François Jacob a ciência é “determinada pela idéia de progresso” (MILAN, 2007: 25), inserido no contexto do progresso os corpos vistos pelo plano social e científico devem apresentar-se sadios, revestidos pela promessa da modernização, do progresso e da inserção de um valor social e econômico a ele.

De que forma a política tem se posicionado com relação aos avanços científicos na busca do progresso embasado no aperfeiçoamento do corpo social?

Atualmente a ciência e a política andam juntas formando a *Biopolítica*, esta que por sua vez não se apresenta como produtora pura e simples do conhecimento, ela é a propulsora do progresso, é em nome da ciência que a biopolítica atua, criando novos embates políticos e viabilizando estratégias econômicas numa relação de saber e poder no âmbito da vida. Para o filósofo francês Michel Foucault a ciência é aplicada no corpo humano como fonte do saber e de aplicação de mecanismos de poder desde o século XVIII na Europa Ocidental quando houve uma necessidade de organização do espaço urbano devido ao crescimento populacional permitindo assim um projeto de tecnologia da população desenhado a partir de

“estimativas demográficas, o cálculo de pirâmides etárias, diferentes expectativas de vida e níveis de mortalidade, estudos das recíprocas relações entre crescimento da população e crescimento da riqueza, medidas de incentivo ao casamento e procriação, desenvolvimento de formas de educação e treinamento profissional” (1980: 171).

A necessidade de políticas públicas apontadas por Foucault no século XVIII se desdobra para os séculos seguintes, principalmente no final do século XX e início do XXI, e ganha mais força conforme o Estado vincula-se a *Biopolítica* como promotor do bem-estar-social, assunto que entra em ebulição após o término da Segunda Guerra Mundial.

Para alcançar os objetivos da política do bem-estar social, o de regular todos os setores da vida social, a saúde, a economia, a política a partir de serviços públicos e proteção a população, cria-se normas, estas que no pensamento do estudioso de Foucault e seu assistente no Collège de France, François Ewald, “toma seu valor de jogo das oposições entre o normal e o anormal ou entre o normal e o patológico” (1993:

79), nesse sentido a norma se torna aliada para a promoção do bem-estar social e dando diretrizes para a formulação das políticas públicas capaz de melhorar a vida da população atuando no patológico e garantir a soberania do Estado sobre os corpos na dilatação do poder.

A ciência então trabalha para mudar o corpo patológico e torná-lo perfeito, de forma que ela dá asas aos sonhos da perfeição humana, dessa forma ela abre caminhos para o cego um dia enxergar, a mulher estéril poder gerar um filho, doenças detectadas com antecedência podem ser tratadas e estender a vida do ser que viria a ser doente e a promessa de ter uma velhice ativa e prazerosa.

A revista *Veja* publicou em 2004 um especial sobre as atividades da ciência sobre a vida humana e o sonho de obter o elixir da vida, e mostra números indicando que “durante quase toda a história da humanidade, a probabilidade de alguém chegar aos 100 anos foi de 1 em 20 000 000. Hoje, em países como a Suécia e Japão, ela pode ser 1 em 50” (VENTUROLI, 2004:96). Busca-se cada vez mais combater a degeneração do corpo, o gerontologista inglês Aubrey de Grey, sonha que no futuro teremos terapias genéticas que penetrarão no coração molecular das células que irão interromper o processo de envelhecimento, dessa forma a genética encaminha a obtenção de uma vida mais longa e melhor.

Todos os avanços para compreender a máquina da vida, estão voltados às células e genes formadores da estrutura humana e que constituem a saúde, a aparência física, a personalidade, as vocações, a capacidade de o homem modificar o que está ao seu redor e desenvolver a sua cultura, que ironicamente também permite ao homem a capacidade de reconhecer os processos vitais que lhe dão e tiram a vida. Esse conhecimento tem crescido de forma acelerada e nos mostra vários pontos positivos, mas até que ponto o domínio da ciência/medicina sobre o corpo é positivo? E qual é o interesse da Biopolítica em aplicar a ciência no corpo?

Início a resposta desta questão com as palavras de Foucault:

“Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário: que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade

capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica. (1979:22)”

O trabalho de Foucault oferece argumentos para identificar e analisar o processo em que os corpos tornam-se preocupações da política e da governabilidade, o recurso da disciplina e da norma para sujeição dos indivíduos na sociedade capitalista, que visa o progresso e a perfeição, de modo que não haja o patológico.

Para o antropólogo Paul Rabinow, que atualmente trabalha com cientistas, técnicos, empresários e governantes envolvidos com a indústria biotecnológica, o Projeto Genoma e a bio-ética, investiga a ciência como material constitutivo da vida, buscando a representação cultural que exprimimos quando analisamos quem somos como seres vivos e de que forma disseminamos a vida. Num diálogo com o pensamento foucaultiano, Rabinow mostra que o objetivo da tecnologia disciplinadora é um treinamento do corpo e o controle do espaço, de forma que, “a disciplina procede da organização dos indivíduos no espaço requerendo, portanto uma delimitação específica do mesmo [que] numa cidade reduz o risco de multidões perigosas, vagabundos a esmo, ou doenças epidêmicas” (1999: 41-42)’.

O corpo humano aparece como um diagrama perfeito para a execução da *Biopolítica*, inserida em instituições fundamentais na vida da sociedade capitalista tais como: hospitais, escolas, fábricas, prisões, igrejas, o exército que garantem a atividade da disciplinarização na conjuntura do poder e da atuação deste nos corpos principalmente na estrutura urbana.

A ciência aliada ao poder disciplinar qualifica e controla as “anomalias” do corpo social, a técnica da norma serve para tratar os desvios sociais e disseminar as categorias da normalidade. A entrada da ciência na vida cotidiana inseriu regras do que é normal e do que não é na sociedade.

Rabinow apresenta uma avaliação de Foucault sobre o poder totalizante indicando que “talvez o alvo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos” (1999: 46), para o antropólogo o problema hoje da filosofia, da política, da ética e do social não é a libertação do indivíduo do Estado e das suas instituições, mas libertar o indivíduo da individualização ligada ao Estado, é a luta contra a totalização e objetivação do sujeito.

O Estado como tutor e gestor da vida, aplica as estratégias de poder, pautado no discurso de uma sociedade saudável na luta contra a doença e/ou o doente, pois este

impossibilita a ordem na sociedade. Dessa forma a sociedade contemporânea pode ser compreendida sob a análise da biopolítica porque esta alcança uma reflexão mais flexível, mais leve, porém, mais perigosa, pois ela se instala no meio social com a ressalva do progresso ditado pela ciência.

A idéia da saúde como negação da doença busca eliminar o mal estar social e instituir o bem estar como norma. Para o filósofo político, Renato Jaime Ribeiro, existe um grande número de medicamentos lançados no mercado, na perspectiva de não apenas conter o mal, mas promover o bem, tais como o Xenical, Prozac e Viagra. Para Ribeiro esses medicamentos devem estar ao acesso de todas as classes sociais, pois “se não houver uma cobertura social para eles, a desigualdade social de expandirá da cultura para a natureza. Os ricos não terão apenas a melhor educação, mas também o melhor corpo” (2003: 27) O problema levantado pelo filósofo político é apenas um entre outros que aparecem na atuação da biopolítica sobre o corpo (não apenas humano, mas social), entretanto permite um passo maior para analisar os efeitos sociais das ações do poder gerador da vida ou daquele que a retira sob a perspectiva de “fazer viver ou deixar morrer” (Foucault, 2000: 287)

A análise de Foucault sobre o “fazer viver ou deixar morrer” está pautada na averiguação do momento em que o poder tomou a vida como ponto de atuação para a aquisição do controle social, sob a égide das funções da biopolítica esta se responsabiliza em administrar a vida e o corpo da população.

Para o sociólogo André Duarte, Foucault percebeu que

“o sexo e, portanto, a própria vida, se tornaram alvos privilegiados da atuação do poder disciplinar já que não tratava simplesmente de regradar comportamentos de individuais ou individualizados, mas que pretendia normalizar a própria conduta da espécie, bem como regradar, manipular, incentivar e observar macro fenômenos como taxas de natalidade e mortalidade, as condições sanitárias das grandes cidades, o fluo das infecções e contaminações, a duração e as condições da vida”(grifo meu. 2006: 49)

A partir do momento que a duração e condições de vida passam a ser dispositivos do poder, e o sexo ou a sexualidade tornaram-se alvo de disputa política (pois foca a produção da coletividade), a figura do Estado atuante aparece como gestor de políticas públicas decisórias sobre o “direito da morte e poder sobre a vida”, de modo

que ele vai decidir quais as doenças que devem ser tratadas em campanhas e qual parcela da população atingir.

Membro do comitê Internacional de Bioética da UNESCO no período de 2000-3, professor de medicina social e higiene, Giovanni Berlinguer, relata que a malária e o HIV matam aproximadamente o mesmo número de pessoas, portanto os investimentos em pesquisas do vírus do HIV têm uma relação de um para cinco, isso porque “a diferenças são apenas duas: a AIDS atinge ricos e pobres, e a malária quase exclusivamente os pobres; depois, existe um mercado para os remédios contra a AIDS, e contra a malária não”. (2003: 195).

Durante o século XX as cidades passaram a ser palco da atuação da ciência e do mercado capitalista, a partir de políticas públicas que visavam fortalecer e deixar saudável o corpo (individual e coletivo), de maneira que as vacinas e os antibióticos estiveram ao acesso a todas as classes sociais, oferecendo assim uma vida mais longa e saudável, porém, as descobertas biomédicas no século XXI estão favorecendo apenas uma parte da população, contribuindo dessa forma para o aumento de desigualdades sociais. Na conferência internacional de 1976 da Organização Mundial da Saúde (OMS), o vice-diretor, T. A. Lambo falou sobre as disparidades entre as políticas e os avanços da ciência com relação ao sofrimento da população menos favorecida, indicando que “pode ser mais fácil viajar até a Lua do que apagar da superfície da Terra as ideologias da necessidade da pobreza, da exploração dos seres humanos, do empobrecimento e da deterioração do ser humano” (LUCAS, apud Berlinguer. In: Novaes, 2003: 197).

As palavras de Lambo retratam a política do “fazer viver e deixar morrer”, desde que a biopolítica passou a gerenciar a vida pela idéia do “fazer viver”, motivada pela idéia da vida como um bem político, se observa que os conflitos atuais aparecem com a justificativa de matar o Outro para poder viver, é a política que mata em nome da purificação e da preservação da vida, um exemplo disso é a política do presidente estadunidense George W. Bush.

O Jornal Folha de São Paulo publicou a pretensão de Bush em mandar mais 21 mil soldados ao Iraque no início deste ano, “para o presidente é um plano que irá conter a violência” (BLINDER, C. 24/01/2007), a briga política não se dá num embate entre entidades ideológicas, mas entre entidades biológicas, principalmente após o atentado ao World Trade Center, o muçulmano passou a ser sinônimo de terrorista que precisa

ser combatido. Dessa forma o perigo não deve ser apenas combatido, mas exterminado, de forma que

“a morte do outro não é simplesmente a minha vida, na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura” (Foucault, 2000: 305)

A análise da atuação da Biopolítica apresenta os dilemas políticos relacionados à ciência, quando pensada como produtora da vida e de seres humanos mais saudáveis indicando o progresso a esses relacionados quando postas em discussões as políticas urbanas, já que nestas estão concentradas a maioria populacional mundial.

Ao estimular a vida da forma em que ela vem se apresentando na política do século XXI, num “fazer viver e no deixar morrer”, seja em guerras ou na escolha da parcela populacional que será privilegiada com as descobertas da ciência, vemos a aplicação do que preferiu o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, “toda aposta na pureza produz sujeira, toda aposta na ordem cria monstros” (2004: 158).

A discussão feita relacionando a atuação da política e da ciência sobre o corpo está longe de ser concluída, porém cabe aos intelectuais estudiosos da ação humana, voltar uma atenção maior para análise do paradoxo existente entre a biopolítica como manutenção e destruição da vida, não com a promessa de resolver os problemas da sociedade, mas como um crítico que “não se detém na configuração dos fatos, mas esmiúça-lhes as motivações” (ARDUINI, 2002:51).

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Drummond. *A máquina do mundo* (incluído em *Claro enigma*). Rio de Janeiro: Luís Martins, 1949
- ARDUINI, Juvenal. “Antropologia: ousar para reinventar a humanidade”. São Paulo: Paulus, 2002.
- BAUMAN, Zigmunt. “Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BERLINGUER, Giovanni. “A ciência e a ética da responsabilidade”. IN: *O Homem Máquina: a ciência manipula o corpo*. Org. Aduino Novaes. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BLINDER, C. “Análise: Bush faz discurso solene para um país que não escuta sua mensagem” In: www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u60279.shtml. Acessado em 25/05/2007
- DUARTE, André. “Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. In: *Figuras de Foucault*. Org. Margareth Rago e Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006)
- EWALD, François. “Foucault, a norma e o direito” Lisboa: Veja, 1993.
- FILHO, David. Capistrano. “Da saúde e das cidades”. São Paulo: Hucitec, 1995.
- FOUCAULT, Michel. “Microfísica do Poder”. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. “Em defesa da sociedade”. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. “História da sexualidade, vol. I: A vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. “O sujeito e o poder”. IN: DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p 231-249.

LUCAS, A. O. “First International Conference on the Responsibility of Science in Modern Societies”. Florença: 1976, abstract book)

MILAN, Betty. “Entrevistamos um premio Nobel, François Jacob”. In: *Iátrico*. Curitiba: CRMPR, edição n 19, janeiro a março de 2007.

NOVAES, Adauto.(org). *O Homem Máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RABINOW, Paul. “Antropologia da razão”. Organização e tradução, João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999

RAGO, Margareth e NETO, Alfredo V. (orgs) “Figuras de Foucault”. Belo Horizonte: Autêntica, 2006)

VENTUROLI, Thereza. “Viver mais e melhor” IN: *Revista Veja*. Editora Abril, n 37: 15 de setembro de 2004.